



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO DE LOUSADA  
**Prova Escrita de Português**

12º Ano

**GRUPO I**

Leia atentamente o seguinte texto:

D. João V está numa sala do torreão, virada ao rio. Mandou sair os camaristas, os secretários, os frades, uma cantarina da comédia, não quer ver ninguém. Tem desenhado na cara o medo de morrer, vergonha suprema em monarca tão poderoso. Mas esse medo de morrer não é o de se lhe abater de vez o corpo e ir-se embora a alma, é sim o de que não estejam abertos e luzentes os seus próprios olhos quando, sagradas, se alçarem as torres e a cúpula de Mafra, é o de que não sejam já sensíveis e sonoros os seus próprios ouvidos quando soarem gloriosamente os carrilhões e as solfas, é o de não palpar com as suas mãos os paramentos ricos e os panos da festa, é o de não cheirar o seu nariz o incenso dos turíbulos de prata, é o de ser apenas o rei que mandou fazer e não o que vê feito. Vai além um barco, quem sabe se chegará a porto, Passa uma nuvem no céu, porventura não a veremos em chuva derramada, Sob aquelas águas, o cardume nada ao encontro da rede. Vaidade das vaidades, disse Salomão, e D. João V repete, Tudo é vaidade, vaidade é desejar, ter é vaidade.

Mas o vencimento da vaidade não é a modéstia, menos ainda a humildade, é antes o seu excesso. Desta meditação e agonia não saiu el-rei para vestir o burel da penitência e da renúncia, mas para fazer voltar os camaristas, os secretários e os frades, a cantarina viria mais tarde, a estes perguntando se era realmente verdade, consoante julgava saber, que a sagração das basílicas se deve fazer aos domingos, e eles responderam que sim, segundo o Ritual, e então el-rei mandou apurar quando cairia o dia do seu aniversário, vinte e dois de outubro, a um domingo, tendo os secretários respondido, após cuidadosa verificação do calendário, que tal coincidência se daria daí a dois anos, em mil setecentos e trinta, Então é nesse dia que se fará a sagração da basílica de Mafra, assim o quero, ordeno e determino, e quando isto ouvirem foram os camaristas beijar a mão do seu senhor, vós me direis qual é mais excelente, se ser do mundo rei, se desta gente.

Deitaram reverentemente alguma água na fervura João Frederico Ludovice e o doutor Leandro de Melo, chamados à pressa de Mafra, aonde o primeiro tinha ido e onde o segundo assistia, os quais, com a memória fresca do que lá viam, disseram que o estado da obra não consentia tão feliz previsão, tanto no que tocava ao convento, cujo segundo corpo se ia levantando lentamente de paredes, como à igreja, por sua natureza de delicada construção, um assebramento de pedras que não poderia ser feito à ligeira, vossa majestade o sabe melhor que ninguém, se tão harmoniosamente concilia e equilibra as partes de que se forma a nação. Carregou-se o sobrecenho de D. João V, porque a cansada lisonja em nada o aliviara, e indo abrir a boca para responder com secura, preferiu chamar outra vez os secretários e perguntar-lhes em que data voltaria a cair a um domingo o seu aniversário, passada esta de mil setecentos e trinta, pelos vistos não bastante prazo. Trabalharam eles afanosamente as suas aritméticas e com alguma dúvida responderam que o acontecimento tornaria a dar-se dez anos depois, em mil setecentos e quarenta.

Estavam ali oito ou dez pessoas, entre rei, Ludovice, Leandro, secretários e fidalgos de semana, e todos acenaram gravemente a cabeça, como se o próprio Halley tivesse acabado de explicar a periodicidade dos cometas, as coisas que os homens são capazes de descobrir. Porém, D. João V teve um pensamento negro, viu-se-lhe na cara, e faz rápidas contas, mentais, com ajuda dos dedos, Em mil setecentos e quarenta terei cinquenta e um anos, e acrescentou lugubrememente, Se ainda for vivo. E por alguns terríveis minutos tornou a subir este rei ao Monte das Oliveiras, ali se



agoniou com o medo da morte e o pavor do roubo que lhe seria feito, agora acrescentando um sentimento de inveja, imaginar seu filho já rei, com a rainha nova que está para vir de Espanha, gozando ambos as delícias de inaugurar e ver sagrar Mafra, enquanto ele estaria apodrecendo em S. Vicente de Fora, perto do infantezinho D. Pedro, morto tão pequenino da brutalidade do des-  
45 mame. Estavam os circunstantes olhando o rei, Ludovice com alguma curiosidade científica, Leandro de Melo indignado contra a severidade da lei do tempo que nem as majestades respeita, os secretários duvidando de terem acertado nos bissextos, os camaristas avaliando as suas próprias probabilidades de sobrevivência. Todos esperavam. E então D. João V disse, A sagração da basílica de Mafra será feita no dia vinte e dois de outubro de mil setecentos e trinta, tanto faz que o tempo  
50 sobre como falte, venha sol ou venha chuva, caia a neve ou sobre o vento, nem que se alague o mundo ou lhe dê o tranglomango.

José Saramago, *Memorial do Convento* (pp. 291-293), Ed. Caminho

De entre as afirmações seguintes, identifique, através da alínea respectiva, a que melhor corresponde ao sentido do texto.

1. São razões da meditação e das preocupações do monarca não só o medo de morrer, mas, sobretudo, o receio
  - a) *"de se lhe abater de vez o corpo e ir-se embora a alma"*.
  - b) de poder ouvir *"os carrilhões"* e de tocar *"os paramentos ricos e os panos de festa"*.
  - c) de não ver o esplendor do convento quando for a sua sagração.
  - d) de não ser o rei que mandou fazer e o que vê feito.
2. A vaidade de ver concluída a obra no seu reinado conduz à decisão de
  - a) vestir o burel da penitência e da renúncia.
  - b) fazer a sagração da basílica de Mafra num qualquer domingo de mil setecentos e trinta.
  - c) proceder à sagração da basílica no primeiro domingo que coincidisse com o seu aniversário.
  - d) sagrar a basílica, segundo o *"Ritual"*, daí a três anos, após cuidadosa verificação do calendário.
3. A expressão *"E por alguns terríveis minutos tornou a subir este rei ao Monte das Oliveiras"* <sup>(l. 40)</sup> significa que D. João V
  - a) volta a subir ao alto do torreão.
  - b) retrocede para o monte onde vai surgir a cúpula da basílica.
  - c) pressente a morte e o fim do seu reinado.
  - d) regressa ao espaço das oliveiras, onde se vai erguer a basílica.
4. O rei invejava a possibilidade de ver gozar as *"delícias de inaugurar e ver sagrar Mafra"* (l. 43)
  - a) o infantezinho D. Pedro e a rainha de Espanha.
  - b) os seus homens se completassem rapidamente as obras da basílica.
  - c) o seu filho e *"a rainha nova"*, sua futura nora.
  - d) o próprio monarca.

<sup>(1)</sup> *Monte das Oliveiras*: localizado a oriente de Jerusalém, foi um dos locais de descanso e oração de Jesus Cristo e lugar de referência bíblica para outras importantes figuras, como o rei David e o rei Salomão ou os profetas Ezequiel e Zacarias.

5. Situe o excerto na estrutura da obra a que pertence.
6. Justifique a atitude de cada personagem que aguardava a decisão do rei.

## GRUPO II

Considere a hipótese de ter assistido a uma representação da ópera Blimunda, de Azio Corgi, numa adaptação de Memorial do Convento de José Saramago.

Escreva um texto, de 100 a 150 palavras, que pudesse ser publicado na Revistada sua escola: "Com Pias & Cabeça", dando a sua opinião sobre a importância desta figura feminina na construção da obra e que motivou a escolha do compositor italiano.







## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO DE LOUSADA

### Sugestão de resolução da Prova Escrita de Português

#### GRUPO I

1. c) de não ver o esplendor do convento quando for a sua sagração.
2. c) proceder à sagração da basílica no primeiro domingo que coincidisse com o seu aniversário.
3. c) pressente a morte e o fim do seu reinado.
4. c) o seu filho e “a rainha nova”, sua futura nora.

#### 5. O excerto na estrutura da obra.

Após ter manifestado o desejo de construir em Portugal uma basílica como a de S. Pedro em Roma e de ter sido dissuadido pelo arquitecto João Frederico Ludovice (com o argumento de que a brevidade da vida não permite construção tão grandiosa), o rei decide ampliar a dimensão do projecto do convento de 80 para 300 frades.

O fragmento transcrito (Capítulo XXI) pertence ao momento em que D. João V decide que a sagração do convento se fará em 22 de Outubro de 1730, data do seu aniversário.

De seguida, proceder-se-á ao recrutamento de operários, por todo o reino, para que as obras de Mafra avancem mais rapidamente.

#### 6. Atitude de cada personagem.

Todas as personagens aguardavam que o rei falasse e tentavam adivinhar a decisão que seria tomada:

- Ludovice observava com “curiosidade científica”;
- Leandro de Melo mostrava indignação porque a “severidade da lei do tempo” nem as majestades respeita;
- os secretários aparentavam receio de se terem enganado nas contas do calendário;
- os camaristas avaliavam “as suas próprias probabilidades de sobrevivência” à lei do tempo.

Em suma, todos esperavam a decisão do rei.

#### GRUPO II

Mesmo sem ter assistido à ópera, a personagem Blimunda pode ser analisada. Percebe-se na escolha de Corghi que esta figura adquire uma enorme centralidade. Por isso, qualquer abordagem deve referir:

- Blimunda é um elemento mágico
- consegue ver “por dentro” das pessoas e das coisas
- o seu poder permite-lhe ver e compreender as verdades mais profundas que sustentam o mundo
- Blimunda podia ver a essência, a verdade das coisas, o que gostamos de ver e o que preferimos não ver
- com capacidades de vidente possui uma sabedoria muito própria, cheia de sensualidade e amor verdadeiro
- é uma mulher livre, que partilha com Baltasar um amor autêntico e o prazer
- está presente no auto-de-fé; participa no projecto da passarola; vê os trabalhadores que vão para a construção do Convento; procura Baltasar, de quem recolhe a vontade quando este é queimado